

A Construção Histórica do Eco-Socialismo

Jozimar Paes de Almeida – História - UEL

Resumo: Ao apresentarmos o campo histórico da construção do eco-socialismo adentramos ao tema da ecologia política com o intuito de buscarmos analisar como a mesma reinaugura a crítica ao capitalismo pela sua prática consumista e, pela sua concepção de progresso e desenvolvimento vinculados a um crescimento da produção; bem como ao aparato institucional fundador de uma determinada ciência e técnica a serviço da degradação e dominação. Os ecologistas pretendem uma reconceitualização destes conceitos o que não implica em uma volta às cavernas, mas sim em uma redefinição inédita de desenvolvimento com respeito ao equilíbrio do ecossistema e equidade social. Os países socialistas não são exceções destas críticas. No palco das relações políticas o movimento ecológico é freqüentemente taxado de pequeno burguês, pela participação deste setor da população em maior número no movimento. Mas será que o que define o lado burguês no movimento é a natureza das pessoas que o representam? Aqueles que na maior parte dos tempos representaram os operários não eram operários? Os eco-socialistas criticam tanto a liberdade de mercado, quanto a centralização planejada tecnofascista e apresentam como alternativa a democracia direta e descentralizada produzida autonomamente pelos homens, fazendo com que o produto social criado pelos trabalhadores, por eles seja controlado, proporcionando um desenvolvimento social com qualificações ecológicas que propiciem ao homem melhor qualidade de vida com saúde, educação, habitação e tempo de lazer. A fundamentação metodológica é advinda de um pressuposto teórico que concebe o ser humano como sujeito e produto de sua própria ação e reprodução. Desta forma, na natureza o homem é um componente que por intermédio de um processo dialético gerado pelo trabalho, dá forma tanto a matéria natural exterior ao seu corpo, como também se transforma corporal e mentalmente, isto é, elabora sentidos, constrói valores neste processo dinâmico e reflexivo. As relações de produção biossocial ocorrem necessariamente no ecossistema, o qual é constituído por uma relação dinâmica entre matérias naturais, que ao sofrerem o processo de interação, podem transformar seus elementos fundamentais, modificando a sua essência. Esta relação do homem sobre o meio ambiente é resultante de fatores históricos, de como o homem se organiza para produzir no processo dinâmico da sociedade: estruturação de classes, tecnologia, cultura, linguagem. Da análise destas modificações pretendemos equacionar a construção de posicionamentos políticos realizados por autores e grupos ambientalistas de tendências eco-socialistas possibilitando-nos o aprimoramento das análises sócio-ambientais contemporâneas.

Palavras chaves: História Política, História Ambiental, História das Ciências.

Pressupostos teórico-metodológicos para análise do tema.

A fundamentação metodológica é advinda de um pressuposto teórico que concebe o ser humano como sujeito e produto de sua própria ação e reprodução. Desta forma, na natureza o homem é um componente que por intermédio de um processo dialético gerado pelo trabalho, dá forma tanto a matéria natural exterior ao seu corpo, como também se transforma corporalmente e mentalmente, isto é, elabora sentidos, constrói valores neste processo dinâmico e reflexivo.

Estabelecer preço, medir valores, imaginar equivalências, trocar – isso ocupou de tal maneira o mais antigo pensamento do homem, que num certo sentido *constituiu* o pensamento: aí se poderia situar o primeiro impulso do orgulho humano, seu sentimento de primazia frente aos outros animais¹.

Para sua sobrevivência, necessariamente o homem relaciona-se com a natureza constituindo um processo desestabilizador, pois não retira somente o necessário (ar, água, alimento) para sua reprodução física, mas para satisfazer necessidades que são socialmente fabricadas, as quais surgem com o crescimento da divisão e estratificação social no interior dos grupos humanos.

Esta relação do homem sobre o meio ambiente é resultante de fatores históricos, de como o homem se organiza para produzir no processo dinâmico da sociedade: estruturação de classes, tecnologia, cultura, linguagem.

Neste sentido, “a raiz do homem é o próprio homem”, e a natureza humana é sempre o reflexo das relações sociais, das mediações sociais ou das condições de vida que se estabelecem entre os seres humanos na produção da existência, inclusive a interioridade do homem, a que se produz no nível da consciência, a sua subjetividade².

A ação que o homem exerce sobre a natureza, portanto sobre si mesmo, é dirigida para determinados fins. Compreendemos esta atividade, como uma expressão da cultura, da política e da ciência criadas e aplicadas pelo homem caracterizando cada sociedade.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula, e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertinentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e a fim de apropriar-se da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida.

Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa ele e, ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza³.

Para sua sobrevivência, necessariamente o homem relaciona-se com a natureza constituindo um processo acentuadamente desestabilizador desta, pois não retira somente o necessário para sua reprodução física, mas para satisfazer necessidades que são socialmente fabricadas, as quais surgem com o crescimento da complexidade sócio-econômica e cultural das sociedades, com o crescimento da divisão e da estratificação social no interior dos grupos humanos.

No processo de relação homem/natureza estabelece-se o trabalho humano como atividade própria, para o controle da natureza. Através dele, os homens contraem entre si, determinadas relações sociais, constituindo com a natureza uma relação biossocial pelas atividades nela realizadas.

Para o homem o trabalho é criador de “valores” no plano formal, a natureza o é, no plano material, a separação entre substância natural e trabalho não é de maneira nenhuma absoluta.⁴

O processo de trabalho é uma forma determinada de efetivação da matéria natural, gerando o produto social. Portanto, forma e matéria serão singularizadas, em decorrência de suas relações instituídas obrigatoriamente como substâncias naturais - força humana natural e matéria natural.

As relações de produção biossocial ocorrem necessariamente no ecossistema, o qual é constituído por uma relação dinâmica entre matérias naturais, que ao sofrerem o processo de interação, podem transformar seus elementos fundamentais, modificando a sua essência. Da análise destas modificações pretendemos equacionar a construção de posicionamentos políticos realizados por autores e grupos ambientalistas de tendências eco-socialistas.

Apresentação

Nossa sociedade contemporânea auto denominada desenvolvida é produto histórico, do modelo de apropriação e produção capitalista industrial. Progresso e desenvolvimento são entendidos como sinônimos de uma maior quantidade de bens de consumo: navios, prédios, carros, máquinas. Mercadorias que se encontram no grande bazar planetário, no qual o homem é um simples fator de produção e a natureza é o almoxarifado dos recursos naturais e o lixo dos resíduos da produção.

Amparada por uma atividade e discurso capitalista, do desenvolvimento ilimitado das forças produtivas, para libertar o homem de seu estado de barbárie em que se encontrava, devido a não realização plena das necessidades culturais desenvolvidas socialmente, nossa sociedade se arrogou o direito de tratar a natureza como um simples mecanismo à serviço de seus ilimitados interesses e valores.

Estamos no limiar do século XXI, fomos à lua e enviamos sondas planetárias a astros distantes de nosso sistema solar, mergulhamos em profundezas abissais de nossa crosta terrestre, os princípios da gravitação universal, da indeterminação atômica e do código genético nos são acessíveis, enviamos mensagens a velocidade da luz pelo laser, podemos até cometer a loucura total do “*homo sapiens demens*”, ao destruir em minutos o que levou 5 bilhões de anos para se formar.

Enfrentamos uma profunda crítica social proveniente da abordagem ecológica, que considera que uma produção ilimitada não é logicamente possível com recursos limitados, é condição mínima para se refletir de como adequar, a qualidade de vida de cada componente da Gaia, às condições de seus recursos não renováveis e renováveis, sendo que estes últimos podem ser impedidos de sua renovação pelas conseqüências as que estão expostos em função da atividade de produção humana.

Nossa atual sociedade fez com que se diminuísse a duração da vida dos bens de consumo, que por ironia são chamados de duráveis, e também investe na produção de bens distintos, por terem seu valor ao conceder à seu possuidor uma expressão de status social.

Consideramos ser um absurdo querer conceder a cada terráqueo um carro, não só porque seria um colossal congestionamento, mas porque não existiria matéria-prima para construí-los, combustível para movimentá-los e estradas para que se locomovessem. O exemplo do chamado desenvolvimento e progresso norte-americano não é possível de ser estendido à todas nações da terra, no entanto isso não significa que estes bens produzidos tenham que continuar concentrados nas mãos de poucos.

Devemos considerar a prática da produção segundo a ótica da termodinâmica e seu 2º princípio o qual nos será neste momento mais elucidativo. Sadi Carnot nos apresenta a sua descoberta a qual:

Afirma-nos que a energia não pode passar livremente de uma forma para a outra, e que a energia térmica (o calor) pode transferir-se livremente de uma fonte quente para outra fria, mas não em sentido oposto. "também" que não pode existir uma máquina que transfira calor de um corpo frio para outro quente sem dispensar trabalho.⁵

Segundo Clausius a entropia do mundo tende para um máximo. Devemos, portanto considerar que mesmo em um dos mais perfeitos equilíbrios homeostáticos realizado pela natureza, pelo funcionamento sinfônico do ecossistema, existirá o processo entrópico de

liberação de energia, que poderá ser acelerado progressivamente dependendo de como o homem irá realizar a sua produção.

O tempo limite da existência da vida de Gaia pode ser de mais uns cinco bilhões de anos (isto se o homem não a destruir antes), quando o Sol em uma cerimônia fúnebre transformar-se em 'gigante vermelho', envolvendo a terra com suas chamas em seu leito de morte, depois irá apagar-se definitivamente.

O homem não pode deter esse processo, mas pode diminuir o processo entrópico, evitando que nos destruamos bem antes afim de que possamos viver mais, no mínimo egoisticamente em benefício da nossa espécie. Quem sabe neste período possamos até descobrir outra Gaia neste Universo de criação/destruição, e criarmos condições para que nossos descendentes possam se locomover para lá, antes do apocalipse!

Os conceitos da termodinâmica e do equilíbrio homeostático têm que ser respeitados no processo de produção.

Ora a teoria econômica não só ignora estes conceitos como introduz um outro que poderia ser resumido pela famosa frase 'tempo é dinheiro'. O progresso é medido pela velocidade com que se produz; chega-se mesmo a imaginar que quanto mais rapidamente se transforma a natureza, tanto mais se economiza tempo. Mas este conceito de 'tempo tecnológico ou econômico' é exatamente o oposto do 'tempo entrópico'. A realidade natural obedece a leis diferentes das econômicas e reconhece o 'tempo entrópico': quanto mais rapidamente se consomem os recursos naturais e a energia disponível no mundo, tanto menor é o tempo que permanece a disposição de nossa sobrevivência. O tempo tecnológico é inversamente proporcional ao tempo entrópico; o tempo econômico é inversamente proporcional ao tempo biológico.⁶

A ecologia política reinaugura a crítica ao capitalismo pela sua prática utilitarista, consumista, pela sua concepção de progresso e desenvolvimento vinculados a um crescimento da produção; assim como a ciência e a técnica à serviço da degradação e dominação.

Os ecologistas pretendem uma reconceitualização destes conceitos o que não implica em uma volta às cavernas, mas sim em uma redefinição inédita de desenvolvimento com respeito ao equilíbrio do ecossistema e equidade social. Os países socialistas não são exceções destas críticas.

No palco das relações políticas o movimento ecológico é freqüentemente taxado de pequeno burguês, pela participação deste setor da população em maior número no movimento. Mas será que o que define o lado burguês no movimento é a natureza das pessoas que o representam? Aqueles que na maior parte dos tempos representaram os operários não eram operários?

Assim como o movimento de esquerda é formado por diversas tendências, o movimento ecologista também o é, podemos destacar quatro posições segundo Eduardo Viola: Ecologistas Fundamentalistas, Ecologistas Realistas, Eco-capitalistas e Eco-socialistas⁷.

Não existe dilema entre estas posições no que se refere a opção entre ecologia ou predação, no entanto ao que tange ao dilema capitalismo ou socialismo temos aí um confronto direto pelo menos entre os eco-capitalistas, que pressupõem a solução dos problemas ambientais através do mercado e da técnica, e os eco-socialistas advindos do socialismo revolucionário, que pressupõem a organização de uma sociedade autogestionária para resolverem os problemas ambientais.

Os ecologistas fundamentalistas resistem a participarem do jogo político institucional, querem preservar a pureza do movimento na crença em que uma força transcendental resolverá as questões.

Os ecologistas realistas pretendem estender o movimento formulando um programa econômico de transição viável com setores liberais, social-democratas, socialistas.

A preservação ambiental é o objetivo elementar do movimento ecologista e ela tem que ser exercida com democracia que se limite a respeitar o equilíbrio do ecossistema. Vamos destacar o que os eco-socialistas entendem por Democracia:

Democracia significa etimologicamente a dominação pelas massas. Mas não tomamos a palavra 'dominação' em seu sentido formal. A dominação real pode ser confundida com o voto; o voto, mesmo livre, pode ser, e freqüentemente o é, a farsa da democracia. A democracia não é o voto sobre questões secundárias, nem a designação de pessoas que decidirão por si mesmas, e sem nenhum controle efetivo, sobre questões essenciais. A democracia também não consiste em pedir aos homens que se pronunciem sobre questões incompreensíveis ou que não possuam sentido algum para eles. A dominação real é poder decidir por si mesmo sobre questões essenciais, e de decidir com conhecimento de causa. Nestas quatro palavras - com conhecimento de causa, se encontra todo o problema da democracia.⁸

Os eco-socialistas criticam tanto a liberdade de mercado, quanto a centralização planificada tecnofascista e apresentam como alternativa a democracia direta e descentralizada produzida autonomamente pelos homens, fazendo com que o produto social criado pelos trabalhadores, por eles seja controlado, proporcionando um desenvolvimento social com qualificações ecológicas que propiciem ao homem melhor qualidade de vida com saúde, educação, habitação e tempo de lazer.

Este processo poderia ser entendido como uma ecologização da sociedade:

O ecologismo não passa nem pela reforma, nem pela revolução. A primeira prende-se demasiado ao jogo das instituições para ser capaz de limitar o seu papel. A segunda ignora demasiado o presente para instituir um futuro sorridente, e ambas se servem em demasia do Estado para terem força de lhe arrebatam o seu poder. A sociedade ecologista não poderia construir-se a partir do Estado: os princípios de diversificação, de policentrismo e de pluralismo impõem uma 'ecologização' suave da sociedade.⁹

Por intermédio destas informações iniciais, destacamos a importância assumida nos princípios compreendendo, tanto o funcionamento do ecossistema, como a preocupação em que a sociedade ecologista ao ser gestada por estes fundamentos poderá articular de forma salutar o meio ambiente com a organização da sociedade humana.

A contribuição de Marx.

Karl Marx que analisou profundamente como se realizam as relações entre os homens, enfatizando as relações sociais como atividade produtiva determinante de uma sociedade, não deixou de assinalar a grande importância da terra, afirmando: "Portanto, o trabalho, não é a única fonte dos valores de uso que produz, da riqueza material. Dela o trabalho é o pai, como diz William Pety, e a terra a mãe"¹⁰.

Assim, poderíamos dizer que a terra, bem como os outros elementos que compõem o universo, tem sua importância intrínseca ao seu próprio existir e extrínseca no que se refere às relações estabelecidas com o Todo. O homem é uma parte deste universo e é composto por este, no entanto, ele se auto-declara ter o poder de estipular a importância dos outros componentes em relação ao seu interesse.

O homem é um ser cultural e histórico, no entanto é também um ser biológico (natural). "O fato da vida física e espiritual do homem estar vinculada à natureza não tem nenhum outro sentido a não ser que está vinculada consigo mesmo, pois o homem é uma parte da natureza."¹¹

A relação homem/natureza ocorre simultaneamente e necessariamente se interagem, produzindo e resultando ações oriundas deste relacionamento. Desta forma, ao estudar esta interação poderemos tentar iluminar algumas partes de existência do homem, em sua busca incessante da resposta de seus enigmas.

O homem é composto por elementos integrantes do universo, então necessariamente: ocupa um espaço, movimenta-se no espaço e no tempo pela sua duração/degradação. No entanto enquanto vivente possui características fisiológicas e sociais inerentes à sua espécie.

A ação que o homem/natureza exerce sobre a natureza, portanto sobre si mesmo, enquanto pertencente a ela, é dirigida para determinados fins. Esta atividade de criação/transformação é denominada trabalho, o mesmo pode ser compreendido como criador/criatura da consciência, exemplo da singularidade humana composta pela cultura e raciocínio.

As relações dos homens com a natureza constituem o pressuposto para as relações recíprocas dos homens entre si, dialética do processo de trabalho como processo natural se amplia à dialética da história humana em geral.¹²

O conceito valor estabelecido pelo antropocentrismo é aplicado à matéria natural, quando esta é vista pela ótica de sua utilidade para o homem, no entanto, deve-se adotar um princípio básico antropocêntrico, em relação a toda matéria natural, pois ela existe indiferente às relações estabelecidas com o homem neste universo.

Marx adota o conceito de valor de uso com uma perspectiva de utilização dessa matéria natural sob a ótica das “necessidades” sociais (criadas culturalmente), que variam segundo as sociedades.

É importante expor aqui que determinadas matérias naturais são indispensáveis às necessidades biológicas para a existência do ser vivo resguardando-nos do que conhecemos por existência, limitados ao tempo e espaço até agora explorado pelos humanos.

O valor de uso, fruto da matéria natural, podendo ser ou não, produto de um trabalho, em sua maior parte, excluindo os elementos indispensáveis para a vida, é resultado da construção cultural da sociedade em que ele está inserido. Bem como, o conceito valor de troca, o qual adquiriu características sociais de intercâmbio e, ambos são provenientes de toda matéria que tem valor de uso.

O materialismo histórico elaborado por Marx fundou suas concepções de investigação da história sobre bases históricas, pois através delas podemos realizar constatações empíricas pela materialidade de suas existências.

Comprovou com estes fundamentos, a existência de um patrimônio corporal dos seres humanos e as relações que este desenvolve com o resto da natureza.

Desta forma, a natureza é a condição material primeira de existência da espécie humana, o homem é fundamentalmente constituído por ela. Esta natureza por sua vez sofreu transformações pela ação concreta dos homens em sociedade, com o objetivo de auto-assegurarem melhores condições de sobrevivência.

Através destes fundamentos Marx desenvolveu sua análise demonstrando que a ação dos homens entre si e com a natureza é real e irá variar de acordo com o que produzem, quanto, como a maneira pela qual o produzem. Os indivíduos são, portanto resultantes de suas condições materiais de produção. O processo de produção de uma canoa, ou de uma nave espacial, demonstra diferentes relações entre os homens, como também diferentes relações com a natureza.

O homem é matéria natural e enquanto matéria recebe e emite energia proveniente dos átomos que o compõe ou incorpora do exterior. Energia é a propriedade que tem a matéria de realizar transformações, pois ela é composta por átomos que se movimentam.

Quando o homem come, incorpora energia sob a forma de alimentos e a libera, por exemplo, sob a forma de calor. No entanto o homem é possuidor de uma característica diferenciadora em relação às outras matérias, já que todas recebem e emitem energia. Ele pode orientar a emissão de parte de sua energia para realizar determinadas tarefas, que lhe é conferida de acordo com as condições materiais de produção num dado momento histórico.

Pode-se entender também, que no mesmo momento em que o homem está emitindo esta energia orientada, atividade-trabalho, ele sofre modificações internas em seu

metabolismo, transformando a natureza externa e auto transformando-se como matéria natural num processo dialético.

Assim, por exemplo, quando o homem pulveriza sua plantação agrícola com biocidas para destruir “pragas”, irá sofrer um retorno de sua própria energia transmitida sob a forma de doenças, ocasionadas pela ingestão de alimentos contaminados pelos biocidas.

Esta capacidade humana de orientação da aplicação da energia é resultante e se desenvolveu pelas transformações ocorridas nas relações entre os homens e destes com a natureza. Ambos se modificam na dinâmica de suas relações, determinando características específicas do homem que também é natureza.

Podemos dizer que o ser humano se auto-constrói ao estabelecer relações de vivência com indivíduos da mesma espécie e, estas relações entre os homens dirigem a aplicação de energia para a realização de um determinado trabalho. A produção de uma sociedade construída com os princípios originários nos moldes de uma análise eco-socialista possibilitam realizar uma ecologização social de forma democrática, plural, diversificada e policêntrica.

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*, São Paulo: Brasiliense, 1988, pp.73.

² FRANCO, Maria Ciavatta. Educação ambiental: Uma questão ética, In: *Cadernos CEDES*, (29) Campinas: Papirus, 1993, pp.14. (grifo da autora)

³ MARX, Karl. *O Capital*, 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, Livro I. Vol.1 p.149.

⁴ SCHMIDT, Alfred. *El concepto de naturaleza en Marx*, España: Siglo Veintiuno, 1976, p.74.

⁵ TIEZZI, Enzo. *Tempos históricos, tempos biológicos*, Trad. Frank Roy Cintra Ferreira e Luiz Eduardo de Lima Brandão, São Paulo: Nobel, 1988, p.22.

⁶ Idem, p.32

⁷ VIOLA, Eduardo. "O movimento ecológico no Brasil 1974-1986", In: VIOLA, Eduardo e Outros. *Ecologia e política no Brasil*, Org. José A. Pádua, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: IUPERJ, 1987.

⁸ CASTORIADIS, Cornelius. *Socialismo ou Barbárie*, Trad. Milton Meira do Nascimento, Maria das Graças de Souza Nascimento, São Paulo: Brasiliense, 1983, p.84.

⁹ SIMONNET, Dominique. *O ecologismo*, Trad. Virgílio Martinho, Lisboa: Moraes Editores, 1981.

¹⁰ MARX, Karl. *O Capital*, 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, Livro I. Vol.1, p.51.

¹¹ MARX, Apud SCHMIDT, Alfred. *El concepto de naturaleza en Marx*, España: Siglo Veintiuno, 1976, p.88.

¹² SCHMIDT, Alfred. Op. Cit, p.57.